



Aparecido, Vanessa e Everton são três das crianças da Cidade Ocidental beneficiadas pela bolsa

PROGRAMA BENEFICIA MILHÕES DE FAMÍLIAS

Cristina Ávila
Da equipe do **Correio**

A Bolsa-Escola espalhou-se pelo mundo, muitas vezes modificada para adaptar-se às características de cada região. Está nas salas de aulas da Baixada Fluminense, da Amazônia, do Equador e nas rodas de discussões de professores em países africanos. No México, 2 milhões de famílias recebem a Bolsa-Escola, há dois anos. No Equador, 286 mil famílias começam a receber o benefício em janeiro de 2000. No Brasil, a idéia foi assumida pelos governos estaduais do Amapá, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Goiás, Tocantins e Alagoas. Mais de 300 municípios brasileiros desenvolvem o programa.

A Missão Criança, organização não-governamental (ONG) fundada pelo ex-governador Cristovam Buarque, está negociando com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Banco Mundial (Bird), Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) e governos de Honduras, Guatemala, El Salvador, Bolívia e Paraguai a criação do programa nestes países.

"A Missão Criança fez 22 viagens internacionais neste ano para falar sobre a Bolsa-Escola", diz a diretora executiva da ONG, Zezé Weiss. Ela voltou há poucos dias de Lima, no Peru, onde esteve no Fórum latino-americano contra a pobreza, a convite do Bird e BID. O ex-governador Cristovam Buarque — criador da Bolsa-Escola — está na Tunísia, no Norte da África. Antes de voltar para o Brasil, passa em Washington (Estados Unidos), onde vai discutir com Banco Interamericano de Desenvolvimento e Banco Mundial a troca de bolsas escolares por parte das dívidas dos países de terceiro mundo.

No Entorno do Distrito Federal, a Bolsa-Escola está nos municípios de Formosa, Paracatu e Cidade Ocidental, onde 50 famílias já são beneficiadas pelo programa Bolsa Cidadã, com dinheiro arrecadado de pessoas e empresas. Em janeiro, dependendo de negociações com empresas privadas para arrecadação de dinheiro e com as prefeituras, o benefício chega também a famílias pobres dos municípios goianos de Valparaíso e Planaltina.

As bolsas são pagas por governos estaduais ou prefeituras. Mas a própria Missão Criança paga, com contribuições de pessoas e empresas, 306 bolsas em Paracatu, Cidade Ocidental, Formosa (GO), Manaus (AM) e Macapá (AP). Em dezembro começa a pagar também outras 150 em Cuiabá (MT) e Campo Grande (MS). E no próximo ano terá também mais mil no Entorno do Distrito Federal e mais mil na região fumageira de Alagoas, uma das áreas mais críticas de trabalho infantil no Brasil.

Nas cidades onde a ONG paga as bolsas, o programa é chamado Bolsa Cidadã. E o dinheiro é administrado por organizações não-governamentais. "Em Manaus, por exemplo, quem administra a bolsa é a Pastoral da Criança (organismo da igreja católica), porque ela é quem conhece a pobreza local", justifica Zezé Weiss.

Um dos melhores exemplos de aplicação da Bolsa-Escola vem de Belém do Pará, que atende a 20 mil crianças de quatro a 14 anos. "No ano passado, com bolsas para 51 famílias conseguimos tirar 239 crianças da catação de lixo", relata o secretário municipal de Educação, Luiz Araújo (PT). Ele afirma que 1.200 beneficiários do programa são crianças e adolescentes em situação de risco, que trabalhavam ou moravam nas ruas de Belém.

Os índices de aproveitamento escolar e diminuição da evasão comprovam que o trabalho está dando certo. Em 1998, entre um grupo pesquisado de 16 mil estudantes, apenas dois haviam deixado a escola. Luiz Araújo diz que de acordo com dados oficiais, a capital paraense tinha 3.200 menores que viviam ou trabalhavam nas ruas em 1995. O número caiu para 2.300. "Embora todos os dias mais pessoas chegue às ruas, muita gente vinda de cidades próximas a Belém. Em alguns pontos da cidade conseguimos tirar todas as crianças das ruas. Mas tiramos uma e surgem cinco", diz o secretário.

"Usamos a experiência de Brasília e adaptamos para a nossa região. Mas somente a Bolsa Escola não resolve nossos problemas", acentua Luiz Araújo. Enquanto as crianças vão para a escola, os pais fazem cursos profissionalizantes, de lanternagem, garçom, costureira.

**"NO ANO PASSADO,
COM BOLSAS PARA
51 FAMÍLIAS,
CONSEGUIMOS TIRAR
239 CRIANÇAS DA
CATAÇÃO DE LIXO"**

Luiz Araújo
Secretário municipal de Educação de Belém